

# Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 3, Número 2, Jul.-Dez. 2014

## O INTIMISMO NO HISTÓRICO A PARTIR DE LEITURA DAS OBRAS: *A PROLE DO CORVO*, DE LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL E *NETTO PERDE SUA ALMA*, DE TABAJARA RUAS



## THE INTIMACY IN HISTORY FROM READING THE WORKS: *A PROLE DO CORVO*, BY LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL AND *NETTO PERDE SUA ALMA*, BY TABAJARA RUAS

Cibele Hechel Colares da COSTA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | A AUTORA  
RECEBIDO EM 27/09/2014 • APROVADO EM 06/02/2015

---

### Abstract

---

This paper stresses, by reading the novels *A prole do corvo*, by Luiz Antonio de Assis Brasil and *Netto perde sua alma*, by Tabajara Ruas, how these two works, which are commonly mentioned in literary history as historic character novels only, also have characteristics that approach the intimacy. In this sense to imagine them as historical novels we use the authors Maria Teresa de Freitas (1986), Seymour Menton (1993) and Roger Puga (2006); while to reflect on the aspects that make up as intimate texts we use theorists: Hans Meyerhoff (1976),

Robert Humphrey (1976) and Norman Friedman (2002). In addition to the theoretical nature of some authors of the historiography literature have been observed in this study, such as: Regina Zilberman (1982), Luis Augusto Fischer (2004), Luis Marobim (1985; 1995), Massaud Moises (1993) and Alfredo Bosi (1994), which help in the understanding of how novelists in question, are seen by historiography. At the end of the study we expect to be able to demonstrate, through the reflections and developed comparisons, as Assis Brasil and Ruas stand out in the literature because of its theme hybridity, since his works, under review at that time, allow an innovative reading, because his writings demonstrate an intimate perspective related to elements of the historiography of the state of Rio Grande do Sul.

---

## Resumo

---

O presente trabalho busca demonstrar, através da leitura dos romances *A prole do corvo*, de Luiz Antonio de Assis Brasil e *Netto perde sua alma*, de Tabajara Ruas, de que forma essas duas obras, que são comumente citadas na historiografia literária como romances de caráter histórico apenas, também apresentam características que as aproximam do intimismo. Nesse sentido, para pensá-las enquanto romances históricos, utiliza-se os autores Maria Teresa de Freitas (1986), Seymour Menton (1993) e Rogério Puga (2006); enquanto que para refletir sobre os aspectos que as compõem, enquanto textos intimista, utiliza-se os teóricos: Hans Meyerhoff (1976), Robert Humphrey (1976) e Norman Friedman (2002). Além dos autores de cunho teórico, alguns nomes da historiografia da literatura foram observados no presente estudo, tais como: Regina Zilberman (1982), Luis Augusto Fischer (2004), Luis Marobim (1985; 1995), Massaud Moises (1993) e Alfredo Bosi (1994), os quais auxiliam na compreensão de como os romancistas em questão são vistos pela historiografia. Ao final do estudo, espera-se conseguir demonstrar, através das reflexões e comparações desenvolvidas, como Assis Brasil e Ruas destacam-se dentro da literatura por conta de seu hibridismo temático, visto que suas obras, em análise nesse momento, permitem uma leitura inovadora, pois suas escritas demonstram uma perspectiva intimista relacionada a elementos da historiografia do estado do Rio Grande do Sul.

---

## Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** Luiz Antonio de Assis Brasil. Tabajara Ruas. Intimacy. Historical novel. South Rio Grande literatura.

**PALAVRAS-CHAVE:** Luiz Antonio de Assis Brasil. Tabajara Ruas. Intimismo. Romance histórico. Literatura sul-rio-grandense.

---

## Texto integral

---

Luiz Antônio de Assis Brasil e Tabajara Ruas começaram suas produções literárias no final da década de 1970. Observa-se que suas produções ocorreram concomitantes ao período no qual João Gilberto Noll, Lya Luft e Caio Fernando Abreu também iniciavam seus trabalhos no ambiente literário. Destaca-se ainda que tais autores são caracterizados por construírem suas narrativas em torno de

uma temática intimista, em que é constante a preocupação com as dúvidas e as angústias existenciais das suas personagens.

Embora todos os autores mencionados se insiram na literatura em proximidade temporal, Assis Brasil e Ruas pertencem, de acordo com pesquisa realizada nos estudos historiográficos e críticos, a um grupo considerado regional. Ao lado deles, em geral, encontram-se, por exemplo, romancistas como Josué Guimarães e Letícia Wierzchowski, vistos como escritores que se dedicam à escrita de narrativas com preocupações acerca de questões relacionadas ao Rio Grande do Sul, mais detidamente à história do Estado. Este fato é o que ainda faz com que os romances em destaque sejam vistos como romances históricos.

As obras de Assis Brasil e de Ruas carregam uma série de elementos que remetem ao que Seymour Menton chamou de novo romance histórico. Em sua obra “La nueva novela histórica de la América Latina” (MENTON, 1993), ele aponta seis características essenciais para a composição desse gênero. É preciso considerar que, para um romance ser classificado como histórico, não necessita contemplar todos estes seis itens. As características apontadas por Menton são: a impossibilidade de conhecer a verdade histórica, fato que acaba por justificar acontecimentos inesperados nas narrativas, visto não haver compromisso com uma possível “verdade” histórica; distorções conscientes da história, através de recursos como omissões, exageros e anacronismos; ficcionalização das personagens históricas, tornando-se protagonistas da obra; ocorrência de comentários do narrador a respeito do processo de escritura da ficção; presença de elementos intertextuais e, por fim, pode-se notar o trabalho com recursos conceituados por Bakhtin, tais como: dialogismo, carnavalização, paródia e heteroglossia, na narrativa em questão. Nesse sentido, inicialmente, demonstra-se quais dessas características as obras desse estudo apresentam para assim demonstrar de que forma eles pertencem a esse gênero romanesco.

O teórico destaca, como uma das características do novo romance histórico, a distorção consciente de fatos históricos representados na narrativa. Essa questão pode ser aproximada da subversão de um mito que se estabeleceu no estado sulino, segundo o qual os homens farrapos eram representados sempre como bravos e guerreiros. Nas obras em estudo, pode-se perceber que, na verdade, eles possuem medos, fragilidades, traumas, raiva, amor e outros sentimentos. Primeiramente pode-se observar essa questão na obra de Assis Brasil, na qual se tem um herói com traços de decrepitude e também que não tem gosto por matar na guerra:

- Duas horas! Se não der ponto logo, é melhor abandonar essa carroça. – Numa dessas vê o soldado que mandara chamar, vem com a cabeça enrolada em tira de pano, e o dólma enorme esconde todo o resto da sua figura, de modo que parece mais um uniforme que anda sozinho.
- Mandou chamar, coronel? – Apesar de perfilado, o soldado balança o corpo, parece não se aguentar nas pernas.
- Mandei, queria saber a história do índio.

Filhinho levanta os braços em cruz, as mangas tapam as mãos, a voz sai pequena e assustada: ah, coronel, pois eu nem sei. Naquela confusão toda, ele veio caindo, eu levantei a espada, ele enterrou na barriga, eu. (ASSIS BRASIL, 1978, p. 98-99).



Aqui se notam marcas de decrepitude do protagonista, Filhinho, retratadas através do seu aspecto físico, como é o caso do dólmã, grande demais para seu corpo franzino. Desse modo, o herói da narrativa, Filhinho, configura uma visão distorcida do herói farrapo, representado ao longo de uma tradição de escritas historiográficas, como um ser de virtudes elevadas e do qual não se espera, por exemplo, um uniforme maior que seu corpo. Também ao ser questionado sobre a morte de um inimigo, ao invés de se vangloriar do feito, ele desconversa e comporta-se como se não quisesse de fato matá-lo.

Em *Netto perde sua alma*, de Tabajara Ruas, tal questão pode ser também observada. Nesse romance um dos sentimentos que se destaca é o amor, mais especificamente, o do general Netto por sua esposa Maria, pois é ela quem mais desperta, na personalidade de Netto, traços de afetividade. O general diz-se apaixonado por Maria e por suas filhas, ao lembrar (deitado na cama do hospital) de todas elas. Este é um momento de nostalgia:

Se fechar os olhos, se adormecer, talvez apareça Maria. Nunca sabe se isso é bom ou se apenas aumenta seu desespero. Já perdeu a conta dos dias que está nessa cama e recorda com certa confusão que ditou uma carta para a enfermeira Zubiaurre dando recomendações a Maria. (RUAS, 2001, p. 32).

Esse romance é narrado através das lembranças do general farroupilha, quando o mesmo encontra-se acamado em um hospital por conta de várias doenças e ferimentos. A febre que o faz ter delírios é causada pela malária que este adquiriu em uma de suas batalhas. Ou seja, também há nessa personagem, assim como na personagem Filhinho de *A prole do corvo*, uma decrepitude física do herói, embora os dois estejam em posições diferentes, cada um dos protagonistas de ambos romances, a seu modo, acaba por demonstrar um tipo de deterioração.

Menton (1993) ressalta que há uma ficcionalização das personagens históricas, passando as mesmas a serem os protagonistas da obra. No romance de Assis Brasil isso não ocorre, embora haja algumas personalidades que participaram de fato da guerra. Nesse caso estas personagens possuem papéis de coadjuvantes dentro da narrativa, como é o caso de Bento Gonçalves.

Já na obra de Ruas (2001) isso é presente, pois o general Antonio de Souza Netto foi um dos grandes vultos da Revolução Farroupilha e é o protagonista do romance. Ao longo de *Netto perde sua alma*, o leitor tem acesso aos momentos em que Netto, acamado por ferimentos em batalha, entre febres e delírios, conversa com Sargento Caldeira, um de seus mais fiéis combatentes. Em verdade, será revelado posteriormente ao leitor, Caldeira já havia morrido e seu 'espectro'

estaria naquele hospital para conduzir seu general (como Caldeira refere-se a Netto) à morte.

Outra característica elencada por Menton (1993) é a metaficção, a qual é bastante presente no romance de Assis Brasil, podendo ser identificada nos comentários irônicos ou julgamentos sobre as próprias personagens, feitos pelo narrador. Ao realizá-los, ele acaba deixando claro ao leitor que este está diante de um texto literário e não de um texto histórico, no qual dificilmente emitiria comentários como o que segue:

E o padre Francisco Antônio, a essa hora tomando chá que a irmã lhe traz, as pernas enroladas num cobertor macio, vendo o gato tomando sol na janela; não deve estar pensando na guerra, nem em Filhinho, nem em nada, tá com o pensamento vazio, esquecido que também mandou Filhinho para essa imundície, obrigado a ver agora os soldados passarem com couros de ovelha recém-tirados, ainda pingando sangue, fazendo uma cara de nojo e repulsa, olhando pro lado pra não olharem pro couro mole, que suja as bombachas e fede a óleo rançoso. (ASSIS BRASIL, 1978, p. 123).

Nota-se uma crítica, feita pelo narrador, ao padre e ao seu comportamento diante da guerra, pois a postura em que ele se encontra parece ser a de alguém que não está preocupado com o conflito vigente naquele momento, visto que ele se encontra bebendo chá, em uma posição de descanso. O narrador julga também o padre, afirmando que, de fato, ele não deve estar se preocupando com a guerra e também não se preocupa com Filhinho, instruído pelo referido padre a se agregar às tropas dos farrapos.

Ressalta-se que a Igreja Católica, representada, no romance, pelo padre Francisco Antônio, é alvo de diversos comentários irônicos por parte do narrador da obra. Uma das críticas nesse sentido se dá logo no início da narrativa, no momento em que Filhinho procura o padre para que ele o ajude a compreender o que de fato é a guerra para a qual ele está prestes a ser enviado pelo próprio pai. Assim, o fato de o protagonista da obra ter acesso às informações relacionadas à revolução através da leitura de jornais por um padre faz parte do conjunto de elementos dessacralizadores do “herói” desse romance.

Em *Netto perde sua alma* a metaficção pode ser notada, talvez de forma um pouco mais sutil, ao ser comparada com *A prole do corvo*, pois as ironias não são tão constantes, talvez por se tratar de um momento em que o general está acamado, o que também justificaria tal ausência. Porém o narrador, em alguns momentos, abre espaço para uma voz que ordena ao general que tome determinadas atitudes, como no momento em que ele mata o médico que o cuida no hospital, o tenente-coronel Fointainebleux:

Quando a guerra terminar é bem possível que o tenente-coronel recebe uma comenda, um consulado. Pensando bem, pensando

friamente, nessas circunstâncias, o mais decente a fazer é matar o tenente-coronel Fointainebleux.

– *Muito bem, índio velho, assim é que se faz* – disse a voz bonachona dentro dele.

– *Tem um bisturi na gaveta da cômoda* – acrescentou a voz infantil, num tom inocente. (RUAS, 2001, p. 20).

Nota-se que a narração abre espaço para um tipo de diálogo que se passou no interior do general e essa “voz” o incita a matar o tenente-coronel. Assim também o romancista utiliza recursos como este que nos lembram que estamos diante de um texto construído sobre artifícios literários.

Retomando a questão da dessacralização do herói, tal elemento é destacado por Menton (1993) entre as características que ele acredita estarem presentes em grande parte do referido gênero, podendo-se inferir tratar-se de uma modificação do gênero romance histórico. No caso de *Netto perde sua alma* (RUAS, 2001) tal característica é efetivamente marcante na construção da personagem de Netto. Assim, um dos fatores que marca essa personagem como um herói desmitificado, dentro do romance, é a postura que ele assume diante das lutas que enfrenta, tanto na sua vida como general quanto na sua vida de homem comum.

O modo com que ele encara as batalhas, na Revolução Farroupilha, por exemplo, faz com que o protagonista seja um herói com sentimentos humanizados, que é capaz de ver o horror da guerra e sentir medo de estar ali. Esta seria uma ação impensada para um herói que, visto pelo olhar histórico, era um gaúcho bravo e guerreiro. A parte III, “Dorsal das Encantadas”, tem um momento de grande reflexão de Netto que, em meio a uma rebelião, nos campos do Seival, entra em sua barraca, como se quisesse refugiar-se de todo o horror que está fora dela, fazendo uma longa reflexão sobre a guerra e, também, sobre a sua vida:

Netto fechou a porta de lona da barraca e deixou o horror lá fora. Sabia que isso era artificial, que não podia durar, que as forças infernais que tinha desencadeado possuíam autonomia e lógica próprias, mas estava aperfeiçoando uma maneira de estirar esse momento de trégua até o limite da resistência, e o principal artifício era esvaziar a mente de pensamentos. (RUAS, 2001, p. 73).

Esta atitude reflexiva de Netto surpreende o leitor que esperava, ao ler este romance, somente momentos épicos do general farroupilha. Estes instantes heroicos também fazem parte do romance, mas o que predomina na obra é justamente o inesperado fato de termos um general moribundo no hospital de Corrientes à beira da morte.

No romance de Assis Brasil, esse aspecto diferenciador ocorre pelo fato de o protagonista não saber ler, com isso, infere-se que Filhinho apresenta um baixo nível cultural, fato que contribui para o conjunto de elementos que o tornam um herói dessacralizado. Ao ler as notícias, para Filhinho, o padre acaba manipulando-

o, mesmo que indiretamente, uma vez que ele terá de acreditar nas palavras que seu leitor lhe pronuncia.



Ainda no que se refere aos elementos dessacralizadores, paródicos e/ou irônicos que a narrativa de Assis Brasil apresenta, pode-se mencionar também o general Bento Gonçalves, o qual, embora não seja o protagonista do romance, possui um papel bastante relevante na narrativa. Tal relevância se dá à medida que, através da construção desse, percebe-se um tom paródico em algumas passagens do romance, como:

Bento Gonçalves despede o capitão, batendo-lhe amistosamente no ombro; diz algo para dentro da barraca e vem a ordenança, que recolhe o urinol e entrega uma pequena bacia e um estojo, retira de dentro um pincel de barba e uma navalha; molha o pincel na bacia e passa-o no rosto, espalhando espuma e, com o dedo fino, contorna os lábios, removendo as sobras; abre a navalha, examina o fio, assenta-a na palma da mão, enquanto os olhos, melancolicamente alçados, seguem o voo manso de um corvo. (ASSIS BRASIL, 1978, p. 121).

Assim, tem-se uma visão do general farroupilha em posições bem diferenciadas daquelas que o discurso historiográfico tradicional costuma fornecer. O fato corrobora para a paródia que se estabelece na obra, uma vez que há uma espécie de deformação nos textos preexistentes sobre Bento Gonçalves. Menton (1993) destaca também que conceitos inicialmente apresentados por Bakhtin estão, em geral, presentes no novo romance histórico, como a paródia, visto que a mesma consiste, basicamente, em um processo de imitação textual, cuja intenção é a de produzir um efeito cômico no leitor.

Na perspectiva de Menton (1993), para que uma obra literária seja considerada um novo romance histórico, não precisa preencher todas as características por ele elencadas; sendo assim, é possível pensar em *A prole do corvo*, bem como em *Netto perde sua alma* como romances pertencentes a tal gênero, visto que ambas apresentam algumas das características discutidas. Porém, além de tratar-se de um romance histórico, pode-se perceber nos romances características que remetem a um intimismo bastante evidente. Assim se faz necessária a observação de mais alguns textos teóricos para adentrar nessa questão. Inicialmente observar o narrador desses romances com mais cuidado é essencial, visto que é através desse que o leitor tem acesso às informações e é nesse momento de leitura que o referido intimismo começa a vir à tona.

Para debater a questão dos tipos de narradores utilizados pelos romancistas tem-se o estudioso Norman Friedman em seu texto “O ponto de visto na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico” (FRIEDMAN, 2002). Com esse texto pode-se identificar os tipos que se encontram presentes nos dois romances analisados.

A narrativa de *A prole do corvo* apresenta-se em terceira pessoa, porém oscila entre dois focos narrativos. O primeiro deles pode ser percebido em



momentos nos quais o narrador constrói seu discurso, buscando obter certo distanciamento, apenas mostrando os fatos de fora, ou seja, trata-se de um narrador onisciente neutro. O segundo deles se dá em passagens nas quais a narração é capaz de invadir o pensamento das protagonistas, Filhinho e Laurita, quando esses estão fazendo algum tipo de reflexão, em especial, em relação à guerra e aos seus sentimentos sobre ela. Isso pode ser verificado, por exemplo, após Filhinho matar um homem, sem compreender muito bem o motivo:

Por que não enterram esses infelizes, por que deixam até amanhã e como é que conseguem dormir a sono largo com todos esses defuntos por perto? Deveriam até levantar acampamento e irem pra outro lugar, longe desse arroio medonho. Mas o que procura é mais moço, e um grande ferimento deve empapar de sangue toda a barriga e, quem sabe, as tripas estão saindo. Subitamente a lanterna ilumina uma cabeça solta no chão, uma cabeça separada do corpo, cuja boca quer morder seu pé. Recua, agitando forte o lampião, não consegue conter um vômito de água, que sobe quente e ácido pela garganta. Está ali, sem conseguir mexer-se. (ASSIS BRASIL, 1978, p. 92-93).

Filhinho passou a se preocupar constantemente com o destino do corpo do homem morto e vai procurar o cadáver; assim, o narrador consegue passar ao leitor o terror e o medo que Filhinho sente ao ver os corpos no chão espalhados, chegando ao auge do asco por aquele ambiente, ao vomitar quando encontra uma cabeça “separada do corpo” (ASSIS BRASIL, 1978, p. 92). Esses sentimentos são íntimos e pouco explorados nas escritas de romances históricos de cunho mais tradicional, mas, Assis Brasil, com o narrador de seu romance, explora tal recurso, a fim de mostrar outra face dessa revolução, tendo-se então, segundo a tipologia de Norman Friedman (2002), um narrador onisciente intruso, uma vez que ele é capaz de emitir juízos e opiniões no momento da narração.

No romance de Ruas (2001), também há uma narração em terceira pessoa, com um narrador onisciente intruso; este é caracterizado por narrar a obra utilizando suas impressões e seus julgamentos, principalmente, quanto às personagens. O seguinte trecho ilustra a onisciência deste narrador:

Era inevitável estar empapado no suor da febre e do pesadelo quando sentou na cama, pálido e ofegante. Mas, provisoriamente, estava salvo da vergonha. O major Ramírez dormia, murmurando obscenidades, como quem era. A cama do capitão de los Santos estava vazia. O silêncio tomava os corredores, as escadas, o pátio molhado pela chuva. (RUAS, 2001, p. 23).

No caso de *Netto perde sua alma*, este narrador mostra-se, de forma clara, primeiramente na escolha dos fatos que ele opta por expor ao leitor, pois a estrutura da obra não segue os fatos cronologicamente de acordo com seu acontecimento. O narrador deixa bem marcado, dentro da obra, esta questão, pois

ao começo de cada parte que compõe a estrutura da obra – são seis, ao todo – ele coloca a identificação de tempo, espaço e outros detalhes que mais lhe convierem.

O narrador também se faz presente, na obra, de forma intrusa, através das vozes que o general farroupilha ouve na cama, do hospital de Corrientes. Este narrador aproveita o fato de a personagem estar febril, para entrar na narrativa sem ser percebido, como se ele fizesse parte de mais um dos delírios de Netto:

Quando a guerra terminar é bem possível que o tenente-coronel receba uma comenda, um consulado. Pensando bem, pensando friamente, nestas circunstâncias, o mais decente a fazer é matar o tenente-coronel Fointainebleux.

– *Muito bem, índio velho, assim é que se faz* – disse a voz bonachona dentro dele.

– *Tem um bisturi na gaveta da cômoda* – acrescentou a voz infantil, num tom inocente. (RUAS, 2001, p. 20).

O recurso da onisciência intrusa faz com que o narrador sinta-se à vontade, dentro da obra, para julgar e opinar sobre a vida e as ações do general Netto, pois é principalmente sobre essa personagem que ele exerce influência. Questão que pode ser constatada no caso da morte do tenente-coronel Fointainebleux, acima citada, na qual o narrador convence o general que a melhor solução é que ele mate o tenente. Assim sendo percebe-se que há um julgamento por parte deste narrador intruso e uma tentativa de manipulação nas ações do protagonista.

Já no trecho citado a seguir, o narrador refere-se, num primeiro momento, a Netto, quando ele fala que o general está perturbado em seus próprios pensamentos, neste caso se referindo ao casamento de seu afilhado (Benedito); em seguida, o narrador afirma, quanto a Benedito, que este já é um homem crescido e determinado:

Eram os pensamentos que o perturbavam. Benedito queria casar. O negrinho já estava um homem. Já estava formando família. Mas não era isso que o preocupava. Benedito sempre soube o que quis na vida. O que o preocupava era ficar sentado solitário na grande sala de pedra, olhando o fogo até a madrugada, quando já era apenas brasa e o silêncio assombrava a casa. (RUAS, 2001, p. 116).

Com estes exemplos, extraídos do romance de Ruas, ficam ilustradas a onisciência e a intrusão do narrador, as quais expõem os acontecimentos, as personagens e o tempo da obra de modo parcial e tendencioso.

Em romances de cunho intimista essas questões, que concernem às narrações, são essenciais para a caracterização do romance como intimista. Visto que, em geral, os romances intimistas vão ter um narrador que apresenta também passagens de fluxo de consciência, nas quais o leitor tem acesso a pensamentos advindos dos sentimentos interiores das personagens. O teórico Robert Humphrey,

em sua obra *O fluxo de consciência*, aborda questões sobre tal característica e, acerca dela, afirma:



O romance do fluxo de consciência pode ser mais rapidamente identificado por seu conteúdo, que o distingue muito mais do que suas técnicas, suas finalidades ou seus temas. Por isso, os romances a que se atribui em alto grau o uso da *técnica* do fluxo de consciência provam, quando analisados, serem romances cujo assunto principal e a consciência de um ou mais personagens; isto é, a consciência retratada serve como uma tela sobre a qual se projeta o material desses romances. (HUMPHREY, 1976, p. 02).

Nesse sentido, segundo o estudioso, esse tipo de romance é, na maioria dos casos, identificado mais pelo conteúdo (ou se pode ainda pensar pela temática) que carregado pela técnica narrativa em si. Humphrey (1976, p. 04) ainda afirma que “a ficção de fluxo da consciência [...] ocupa-se em grande parte com o que está abaixo da superfície”, ou seja, ela vai preocupar-se com o interior das personagens. Como é o caso dos dois romances em estudo nesse trabalho. As obras sul-riograndenses enfocadas mostram uma preocupação com os sentimentos de suas personagens, em especial, das protagonistas e, em geral, através do fluxo de consciência destas tem-se a exposição dos conflitos pessoais e sentimentos mais profundos, como já observado nas passagens citadas.

Dentro do estudo acerca das estruturas que apontam para as narrativas de Assis Brasil e Ruas como intimista é necessário observar, ainda, como o tempo se configura nelas. Nesse âmbito o teórico Hans Meyerhoff discute este aspecto em sua obra *O tempo na literatura*. Ao refletir sobre esse aspecto, o teórico afirma que este faz parte “do vago passado de experiências ou como ele entra na textura das vidas humanas” (MEYERHOFF, 1976, p. 04). Por essa razão sua significação deve se dar no contexto de uma vida humana como resultado dessas experiências. A partir dessa definição de tempo, pode-se considerar este como privado, pessoal, subjetivo ou, ainda, psicológico.

Todas essas definições de tempo na narrativa literária são capazes de auxiliar na leitura de determinada obra como introspectiva (ou intimista). Isto pelo fato de serem, justamente, questões de ordem privada, pessoal, subjetiva e psicológica que vão constituir as histórias, em geral, conflituosas das personagens que compõem as obras. No momento em que Meyerhoff (1976) discute sobre “O sentido social do tempo” muitas das reflexões feitas por ele são pertinentes ao estudo do romance intimista, tal como quando ele expõe que:

[...] o indivíduo pode ser descrito como emergindo de um quadro social anônimo, impessoal, na aparência não pertencente a lugar nenhum ou relacionado a coisa alguma ou a ninguém no mundo. É um completo estranho, a versão literária da “pessoa deslocada”, sem passado e geralmente sem futuro. (MEYERHOFF, 1976, p. 98).



Assim, pode-se pensar que os protagonistas dos romances em análise se aproximam (em alguns aspectos) do indivíduo descrito pelo teórico, visto que a maior parte deles apresentam conflitos, mas por outro lado eles possuem um passado definido. Porém tanto Filhinho (protagonista de *A prole do corvo*), quanto Netto (protagonista de *Netto perde sua alma*) não se sentem totalmente pertencentes aos locais em que estão inseridos ou relacionados e também possuem dificuldade de perceber um futuro (ou, de certa forma, um futuro “promissor”) em suas trajetórias de vida.

O fluxo de consciência, visto aqui por Meyerhoff (1976) enquanto técnica literária, deve, segundo ele, ser considerado no interior de um contexto social e ideologicamente amplo, pois:

Por um lado, esse método em si é uma admirável expressão da fragmentação do tempo na consciência do homem moderno; por outro lado, é uma tentativa de superar essa fragmentação mostrando que mesmo esse fluxo caótico do tempo e experiência contém certas qualidades de duração, interpenetração, continuidade e unidade em termos das quais alguns conceitos do eu podem ser preservados. (MEYERHOFF, 1976, p. 102-103).

Essa dupla possibilidade observada pelo teórico, acerca do fluxo de consciência, é pertinente também para corroborar a leitura das obras intimistas sul-rio-grandenses que compõem o presente estudo. Tal proximidade se dá pelo fato da sensação de fragmentação apresentada por algumas personagens das obras, tanto pelo ângulo de apenas expor essa quanto pela necessidade de superar esse sentimento (ou condição) em que se encontram.

As obras de Assis Brasil (*A prole do corvo*) e de Tabajara Ruas (*Netto perde sua alma*), *corpus* nesse artigo, são consideradas por diversos críticos e historiadores da literatura apenas como romances históricos, visto que se passam em um tempo e em um espaço que remetem a momentos históricos do Rio Grande do Sul. Porém, embora de fato as obras pertençam a tal gênero romanesco, os romances apresentam também um tom intimista, fato que os diferenciam e impossibilita uma categorização definitiva em relação a gênero e temática.

Nesse sentido, Assis Brasil e Tabajara Ruas conseguem romper com a categorização a eles delegada: de romancistas que escrevem romances apenas voltados à história do Rio Grande do Sul. Suas escritas superam as preocupações sociais e políticas da história, à medida que, através da construção de suas personagens, eles demonstram preocupação em desvendar como os eventos históricos presentes na narração foram capazes de repercutir no interior das personagens.

O fato de esses dois romancistas transitarem pelas temáticas histórica e intimista os torna autores híbridos, os quais não poderiam ser classificados, de forma definitiva, nem como históricos, nem como intimistas; poder-se-ia, contudo, levantar a possibilidade de uma temática histórico-intimista. Essa linha estaria condicionada a autores que, em suas obras, fossem capazes de trazer, ao mesmo

tempo, elementos que remetam à ambientação sul-rio-grandense (seja pelos episódios ocorridos na história, seja pelas questões políticas) e, em concomitância, consigam estabelecer discussões relativas ao indivíduo, as quais possibilitem transcender o espaço e o tempo em que estão inseridos, ou seja, que não sejam pertinentes apenas ao Rio Grande do Sul e ao tempo de sua publicação, já que, dessa forma, a obra pode ser considerada universal e manter-se no cânone literário.

Um dos motivos para a permanência do gênero romance histórico, ainda na atualidade, dentro da literatura sul-rio-grandense, pode estar atrelado a questões relativas aos mitos (em grande quantidade), construídos ao longo de décadas na historiografia sul-rio-grandense e com os quais a literatura vem trabalhando nesses romances considerados históricos. Destaca-se que, nem sempre, como é o caso de *A prole do corvo* e de *Netto perde sua alma*, a literatura vai ser conivente com as representações e visões apresentadas pela história tradicional acerca de determinado evento ou personalidade histórica, pois, muitas vezes, o seu papel, enquanto ficção, tem sido justamente problematizar e dessacralizar os mitos erigidos por longos anos nos diferentes discursos históricos.

Em certa medida, talvez um fato que tenha impulsionado a ampla criação de romances históricos na produção literária do Rio Grande do Sul tenha sido, ao menos no começo dessa produção, a possibilidade de exaltação e recuperação de um passado mítico. Este foi visto por alguns discursos historiográficos como glorioso e povoado de heróis capazes de servirem de exemplo para os homens contemporâneos à publicação dos romances. Assim sendo, pode-se pensar que o novo romance histórico não se constitui apenas das possibilidades postas pela história, mas infere-se que ele surge, também, a partir da própria história realizada; no caso estudado, entretanto, a arte tentará buscar na experiência as tensões que produziram essa mesma experiência, e a vida, que já foi vivida, é revivida na recriação artística. Os homens reencontram-se não apenas com datas, fatos e lugares que a história já lhes indicou, mas, principalmente, com medos e angústias, conforme ocorre nas obras de Assis Brasil e Tabajara Ruas que compõem esse *corpus* de análise.

Dessa forma, esses romances apresentam inovações no gênero romance histórico e duas das mais destacadas são a dessacralização do mito em torno da Revolução Farroupilha e a preocupação em mostrar como os sentimentos interiores das personagens podem prevalecer diante da representação da guerra ou, ainda, como a guerra pode ser capaz de modificá-las.

Com o trabalho apresentado, espera-se ainda mostrar a relevância das obras não apenas para a literatura sul-rio-grandense, mas para a literatura de modo geral, visto ser possível notar, na análise proposta, que as narrativas são capazes de propiciarem ao seu leitor um conhecimento do ser humano que transcende as circunstâncias históricas, pois a intimidade das personagens expostas pelas vozes narrativas pode ser pensada como um fator a contribuir para a universalização dos romances.

A literatura de Ruas e de Assis Brasil parece preocupar-se, de forma contundente, em mostrar como o histórico é capaz de modificar o humano e de que

forma isso ocorre no interior das personagens. Desse modo, a produção ficcional de ambos extrapola as características de um romance histórico, conforme se procurou mostrar ao longo deste trabalho, à medida que inova sua escrita com a perspectiva intimista relacionada a elementos da historiografia do Rio Grande do Sul.

---

## Referências

---

ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de. **A prole do corvo**. Porto Alegre: Movimento, 1978.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1994.

COSTA, Cibele Hechel Colares da. O entrecruzamento de literatura e história em Netto perde sua alma, de Tabajara Ruas. **Fórum de Literatura Brasileira Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 83, 2012.

\_\_\_\_\_. **O general Antônio de Souza Netto sob dois olhares: o histórico e o literário**. 2010. 48f. Monografia (Especialização Rio Grande do Sul: sociedade, política e cultura) – Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2010.

FISCHER, Luís Augusto. **Literatura gaúcha**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2004.

FREITAS, Maria Tereza de. **Literatura e história: o romance revolucionário de André Malraux**. São Paulo: Atual, 1986.

FRIEDMAN, Norman. O ponto de visto na ficção: o desenvolvimento de um conceito crítico. Tradução de Fábio Fonseca de Melo. **Revista USP**, São Paulo, n. 53, p. 166-182, março-maio, 2002.

HUMPHREY, Robert. **O fluxo da consciência**. Tradução de Gert Meyer. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976.

LUKÁCS, György. **O romance histórico**. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

MAROBIN, Luiz. **A literatura no Rio Grande do Sul: aspectos temáticos e estéticos**. Porto Alegre: Martins Livre, 1985.

MENTON, Seymour. **La nueva novela histórica de la América Latina**. México: Fondo de la Cultura Económica, 1993.

MEYERHOFF, Hans. **O tempo na literatura**. Tradução de Myriam Campello, revisão técnica de Afrânio Coutinho. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1976.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1993.

PUGA, Rogério Miguel. **O essencial sobre o romance histórico**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.



RUAS, Tabajara. **Netto perde sua alma**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, Juremir Machado da. **História regional da infâmia** – o destino dos negros farrapos e outras iniquidades brasileiras (ou como se produzem os imaginários). Porto Alegre: L&PM, 2010.

WHITE, Hayden. **Meta-história**. Tradução de José Laurêncio de Mello. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

---

### Para citar este artigo

---

COSTA, Cibele Hechel Colares da. O intimismo no histórico a partir de leitura das obras: *A prole do corvo*, de Luiz Antonio de Assis Brasil e *Netto perde sua alma*, de Tabajara Ruas. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 3, n. 2, p. 74-87, jul.-dez. 2014.

---

### A autora

---

**Cibele Hechel Colares da Costa** é licenciada em Letras – Português pela Universidade Federal do Rio Grande (2005) e mestre em Letras – área de concentração: História da Literatura (2014), também pela FURG. Atualmente é doutoranda em História da Literatura, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras – FURG. Possui especialização em RS: sociedade, política e cultura, pela mesma Universidade (2010) e em Educação de Jovens e Adultos na Diversidade, também pela FURG (2012). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em ensino de Literatura Brasileira e Língua Portuguesa, tendo experiência, ainda, com Educação de Jovens e Adultos e Educação à Distância (formação de professores e tutores e utilização das TIC's em sala de aula). Tem como principal linha de pesquisa as relações entre história e literatura, dentro dos romances históricos sul-riograndenses, na área de literatura. E pesquisa também, na área de EaD sobre as TIC's e a formação dos professores e tutores.